

REVISTA DE LA RED UNIVERSITARIA AMERICANA
REVISTA DA REDE UNIVERSITÁRIA AMERICANA

CYTHÈRE?

SÉPTIMO NÚMERO | SÉTIMA EDIÇÃO • SETEMBRO | SEPTIEMBRE 2025
ISSN: 2525-0000



Flávio Cerqueira, *Iceberg*, 2012, pintura eletrostática sobre bronze - Foto Romulo Fialdini
Imagem gentilmente cedida pelo autor



FAPOL
FEDERAÇÃO AMERICANA
DE PSICANÁLISE DA
ORIENTAÇÃO LACANIANA



FAPOL
FEDERACIÓN AMERICANA
DE PSICOANÁLISIS DE LA
ORIENTACIÓN LACANIANA

Nota Editorial

Virgínia Carvalho

Analista Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). Docente da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora e mestre em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: virginiacarvalhopsicanalise@gmail.com

No Seminário 20, Lacan nos recomenda não fazer obstáculo ao discurso universitário, o qual ele propõe escrever “univercitério”: todos unidos no universo de Citera, na tentativa de “difundir a educação sexual”, visando a uma melhoria na relação entre os sexos, o que do lado do analista só pode provocar o mais besta dos sorrisos. Citera é uma ilha do sul da Grécia, conhecida como o local de nascimento de Vênus, deusa do amor. Essa referência, assim como o quadro de Antoine Watteau, *Pèlerinage à l’île de Cythère* (Peregrinação à Ilha de Citera), serviram de inspiração para a criação da revista, em 2018, sob a editoria de Mariana Gómez.

Desde então, *Cythère? Revista da Rede Universitária Americana*, a RUA, se estabeleceu como uma “revista universitária” escrita por psicanalistas das Escolas da Fapol e da Associação Mundial de Psicanálise. Com textos em castelhano e em português, ela se propõe a transmitir os conceitos, a teoria, a eficácia clínica e a política da psicanálise de orientação lacaniana de maneira rigorosa e precisa, enfatizando sua construção epistêmica.

Uma “revista universitária escrita por psicanalistas” do Campo Freudiano – não estaríamos diante de uma contradição em termos, já que o universitário e o psicanalítico não se fundem? Aprendemos, com Lacan, em seu Seminário 17, *O avesso da Psicanálise*, que *ou* estamos no discurso universitário, *ou* estamos no discurso do analista, e que quando flutuamos entre os discursos, *à côté de la plaque*, estamos no campo da debilidade.

Nesse sentido, *Cythère?*, uma revista que tem uma interrogação em seu título, não se propõe a uma imiscuição de discursos. Não se trata de tentar fazer caber a psicanálise na burocracia mercadológica da universidade, nem tampouco que ela possa se servir da universidade para ampliar sua audiência. Manter a extimidade entre o discurso universitário e o discurso do analista é fundamental. E, como indicou Fernanda Otoni, atual presidente da Fapol, “a presença da psicanálise na universidade é uma questão de Escola” – o que nos remeteu à imagem evocada por Jacques-Alain Miller em 2017, em sua conferência intitulada “Questão de Escola: proposta sobre a Garantia”: “[...] a Escola é um ser ambíguo, que tem asas

analíticas [...] e patas sociais” (p. 2). Ali ele nos indica que o discurso analítico “abre espaço para o incomensurável, isto é, para o fator (a) que sempre se intercala no cálculo” (p. 5).

Não poderíamos, então, tomar a extimidade entre o psicanalítico e o universitário como um exercício de tradução, diante do encontro de diferentes línguas? Nessa perspectiva, *Cythère?* não é apenas uma revista direcionada àqueles psicanalistas que trabalham na universidade ou àqueles universitários interessados por psicanálise. Trata-se de um espaço privilegiado para o novo e o *heteros*, que pode advir daqueles que habitam o campo vivo da universidade. Por essa razão, *Cythère?* está em condições de fazer avançar a própria psicanálise nas surpresas que encontra diante do questionamento dos estudantes, das perguntas que ensejam pesquisas científicas, ao interrogar as “novas palavras”, modismos e soluções inventados no contemporâneo para dar conta do mal-estar na cultura.

Para responder à altura do desafio de nos servirmos de *Cythère?* como um exercício de Escola, esta equipe editorial buscou trazer o vivo do encontro dos corpos nas universidades como uma das rubricas deste número 7. Em “Acontece na Universidade”, temos a chance de ler as ressonâncias das conferências proferidas por Christiane Alberti, “A psicanálise para a juventude”, e por Éric Laurent, “A psicanálise como resposta ao real de hoje”, ambas realizadas na Universidade de Buenos Aires (UBA). Também podemos aprender com a conversação sobre “A angústia no século XXI”, realizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que contou com a participação de Bárbara Afonso, Olívia Loureiro Viana, Heloísa Bedê, Vinícius Lima, Antônio Teixeira, Ricardo Seldes, Cleide Monteiro e outros participantes. Da mesma maneira, a transcrição do debate ocorrido na UBA, em uma mesa-redonda sobre “O desejo de ensinar”, com Graciela Brodsky, Inés Sotelo, Fabián Naparstek, Silvia Pino e Alejandra Breglia, nos permite experimentar a força do encontro com a psicanálise no âmbito da universidade.

Nesse clima de abertura para a contingência, a “Seção temática” trabalhou “A angústia da criança”. O tema é ressonante com o XII Enapol e seu “Falar com a criança!”, bem como com as queixas contemporâneas que se apresentam na clínica e no contexto educativo da universidade. Para tanto, contamos com as elaborações de Ricardo Seldes sobre “A angústia na experiência analítica no século XXI”, texto que nos permite entender melhor a ideia lacaniana da angústia como sinal do real. Betsy Arguello também nos apresenta o tema, delimitando “a angústia na infância hoje”, a partir do deslocamento “do corpo em excesso ao dizer singular”.

Na rubrica “Fundamentos”, Roxana Vogler nos convida a percorrer “A psicopatologia da angústia nas crianças”, desde a psiquiatria clássica até o contemporâneo.

A seção “Redes Universitárias” destaca a importância da RUA e da RUE – Rede Universitária Europeia de Psicanálise – para a permanência da psicanálise na universidade. Nessa perspectiva, podemos acompanhar o trabalho “A angústia na criança autista”, de Cláudia Gonzáles, integrante da RUE, e a pesquisa de Inés Sotelo, integrante da RUA, “Urgência: angústia, sintoma e fantasma à luz dos paradigmas do gozo”.

Na rubrica “Radar Acadêmico”, que publica os artigos inéditos produzidos a partir de pesquisas realizadas na universidade e que são encaminhados à revista através de seu fluxo contínuo de submissão de manuscritos, podemos ler o texto de Licene Maria Batista Garcia da Silva e Heloisa Caldas, “Uma leitura psicanalítica das máscaras da solidão”, e o texto de Nicolas Katzer, “Os três de Freud: inibição, sintoma e angústia”.

Os textos da revista vêm acompanhados da surpreendente imagem *Iceberg*, escultura de Flávio Cerqueira, de 2012. Tivemos a chance de conhecê-la na exposição “Um escultor de significados”, que viajou por várias cidades brasileiras, com curadoria da historiadora e antropóloga Lilian Scwhartz. Sobre a escultura, Flávio escreve:

Um garoto sentado, segurando nas mãos um chinelo, pode parecer um simples gesto executado por qualquer criança. Mas, para mim, essa imagem é uma memória arrebatadora da posição por mim encenada durante alguns dias, esperando a volta do meu pai para casa após sua morte. Este é, sem dúvida, o mais autobiográfico de todos os meus trabalhos. Desde quando produzi a escultura *Iceberg* (2012), penso o meu trabalho como momentos congelados de uma história, um desejo de pausar um instante vivido e usufruir dele, nem que seja por mais uma única vez.

Nascido em São Paulo, o artista, doutorando em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), trabalha com processos de fundição de bronze e tem a figura humana como protagonista de sua poética. Suas obras podem ser encontradas em importantes coleções pelos principais museus do Brasil. Um agradecimento especial ao artista, que nos cedeu o direito de imagem da fotografia de sua escultura *Iceberg*.

Agradecemos a Jacques Allain Miller pela preciosa orientação e assessoria nesta revista, à Fernanda Otoni Brisset pela aposta incansável, Flory Kruger, à Gabriela Camaly e María Hortensia Cárdenas, que compõe o *bureau* da FAPOL pela confiança em nosso

trabalho; aos conselheiros e colegas de RUA e a cada um dos autores, revisores, pareceristas, leitores, tradutores e todos aqueles que estiveram empenhados neste número que vem sendo trabalhado, cuidadosamente, há bastante tempo, por uma extensa equipe. Convidamos a todos para essa leitura e para que possamos ampliar ainda mais esse campo aberto e fecundo, que se escreve na intimidade entre a psicanálise e a universidade.